

O sagrado feminino

O que mais me marcou neste curso foi perceber a noção de sagrado feminino enquanto movimento “religioso”, ou melhor, espiritual, que tem por objetivo a valorização da mulher – ou do feminino – sua relação quer com a natureza, quer com a divindade.

Neste relatório, desejo realçar dois aspetos falados no curso que me fizeram refletir bastante, um na primeira sessão, e o outro na última.

A Mãe Terra

Da primeira sessão, trata-se da referência – evidentemente feminina – à Mãe Terra, enquanto figura representativa da natureza como um todo. Uma figura que é origem (e por isso “Mãe”) dos homens, dos animais e das plantas, ou mesmo dos deuses.

Na mitologia grega, toda essa potencialidade geradora estava representada na deusa Gaia. Nascida do Caos, ela foi a ordenadora do Cosmos, pondo um fim à desordem e à destruição e, do mesmo modo, criando a harmonia. Gerou Urano (o Céu) e Pontos (o Mar); do seu próprio corpo, criou montanhas, vales e planícies; fez brotar a água e deu origem aos seres vivos. Enfim, Gaia foi uma das primeiras divindades a integrar a morada dos deuses (ver texto 1, em anexo).

Na tradição cristã, foi Francisco de Assis que recuperou essa noção da “mãe Terra”, da qual todos os seres dependem e que devemos cuidar permanentemente. Neste sentido, a recente encíclica *Laudato si'* (2015), do papa Francisco, volta a insistir numa ecologia integral, que privilegia a harmonia de toda a criação, e de que o ser humano necessita para a sua própria sobrevivência. É deveras sintomático que dita encíclica comece por recordar as palavras de Francisco de Assis, que recorria à imagem da Mãe Terra para se referir à “casa comum” a que todos pertencemos (*Laudato si'*, n.º 1).

Mas o papa vai mais longe, referindo também, a dado momento, a “ecologia humana” e a necessidade de apreciar simultaneamente as duas dimensões da humanidade: a feminilidade e a masculinidade (ver texto 2, em anexo).

A nível científico, a “hipótese Gaia” tem vindo a chamar a atenção para uma compreensão holística da Terra, entendida praticamente como um organismo vivo, facto que torna urgente uma reflexão ecológica renovada, que os seus arautos apelidam de “ecologia profunda” (Harding, 2013). Não podemos explorar a Mãe Terra como o temos vindo a fazer até aqui!

Sagrado feminino e arte cristã

O segundo aspeto a realçar tem que ver com a presença do sagrado feminino na arte cristã, primeiro na figura de Maria e depois no símbolo universal da *vesica piscis*.

Consequência, certamente, da proclamação da *Theotokos* no concílio de Éfeso (431), uma das representações mais permanentes de Maria ao longo dos séculos foi a *Virgo lactans*, de que já faz eco S. Gregório Magno (sécs. VI-VII). Essa representação da maternidade mariana teve uma grande expressão na iconografia oriental: a *Galaktotrophousa*. Mas também na pintura religiosa ocidental, mormente na Renascença (sécs. XIV-XVI). Foi o concílio de Trento que travou essa expressão do sagrado feminino, ao desaconselhar a representação de *Maria amamentado*. Por conseguinte, isso trouxe uma grande mudança a nível da arte sacra mariana, pois passou-se a representar Maria isoladamente, sem o Menino – e portanto sem essa relação à maternidade divina –, e centrada sobretudo nos “mistérios” marianos, nomeadamente a sua conceção imaculada e a assunção ao Céu, preparando assim o terreno às duas proclamações dogmáticas marianas dos séculos XIX (Imaculada Conceição de Maria) e XX (Assunção).

A par dessa representação mariana do sagrado feminino, foi interessante perceber, no curso, a presença permanente desse símbolo universal da arte sacra que é o *vesica piscis*. Além dos exemplos pictóricos (pinturas e iluminuras) que vimos na própria apresentação, importa também destacar a sua presença na arquitetura cristã. Em Portugal, há um exemplar interessante no pórtico da igreja de São Pedro de Rates (Póvoa do Varzim), dos sécs. XII-XIII, representando Cristo em glória no interior da *vesica piscis*. Há também a referir os portais góticos construídos em forma de meia *vesica piscis*, como é o caso dos portais do tímpano do Mosteiro da Batalha (Portugal), séc. XV. Ainda na arquitetura, mas desta vez em Roma, também a Praça de São Pedro está construída de modo a representar no seu centro a *vesica piscis*.

Unindo estas duas formas de representação do sagrado feminino na tradição cristã, queria fazer referência à Virgem de Guadalupe. A imagem tradicional (medieval) da Virgem de Guadalupe é a de uma *Virgen Negra*, com o menino ao colo – tal como vimos no curso. Na sua aparição no México, ela é representada sem o Menino, mas é de notar a presença de uma faixa negra sobre o ventre, simbolizando que ela está grávida de Jesus (o Menino, portanto, está de algum modo presente). Além disso, ela é representada no interior de uma mandorla (ou *vesica piscis*) luminosa. Finalmente, ela revela-se ao índio Juan Diego como mãe: “Sou tua mãe”. Como tal, ela é invocada também como Mãe das Américas.

Anexos:

Texto 1: **Gaia**

Deusa da Terra, Mãe geradora de todos os deuses e criadora do planeta, Gaia é também conhecida por Geia, Gaea ou Gê. Nascida do Caos, foi a ordenadora do Cosmos, acabando assim com a desordem e a destruição em que aquele se encontrava, criando a harmonia. Sozinha, gerou Urano (o Céu) e Pontos (o Mar); criou, do seu próprio corpo, montanhas, vales e planícies; fez nascer a água e deu origem aos seres vivos. Uniu-se a Urano e dessa junção nasceram os Titãs, as Titânides, os Ciclopes e os Hecatonquiros. Temendo o poder dos filhos, Urano aprisionou-os. Gaia ficou furiosa e convenceu o filho Cronos, o mais jovem dos Titãs, a castrar o pai, assim que ele (o Céu) viesse de novo unir-se a ela (a Terra), dando-lhe para o efeito uma foice de aço. O desentendimento entre Gaia e Urano levou, assim, à separação entre o Céu e a Terra. Gaia, Urano e a sua descendência (Cronos, por exemplo, é o pai de Zeus, considerado o deus dos deuses) são referidos como divindades primordiais, das quais terão derivado as diversas famílias de deuses gregos – por esta razão, Gaia é uma das primeiras divindades a integrar a morada dos deuses. (Porto Editora, s.d.)

Texto 2: **Ecologia humana**

A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante: a relação necessária da vida do ser humano com a lei moral inscrita na sua própria natureza. Bento XVI dizia que existe uma «ecologia do homem», porque «também o homem possui uma natureza, que deve respeitar e não pode manipular como lhe apetece» (Bento XVI, 2011). Nesta linha, é preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação directa com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum; pelo contrário, uma lógica de domínio sobre o próprio corpo transforma-se numa lógica, por vezes subtil, de domínio sobre a criação. Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda «cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela» (Francisco, 2015). (*Laudato si'*, n.º 155)

Referências bibliográficas:

Bento XVI (2011). *Discurso ao Bundestag*, Berlim (22 de Setembro de 2011): *AAS* 103 (2011), 668; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 24/IX/2011), 5.

Francisco, Papa (2015). *Catequese* (15 de Abril de 2015): *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 16/IV/2015), 20.

Francisco, Papa (2015). *Laudato si'* (24 de Maio de 2015): https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html [consultado, 20/06/2021].

Harding, Stephan (2013). *Animate Earth: Science, Intuition and Gaia*. Totnes: Green Books.

Porto Editora (s.d.). *Gaia (mitologia)*. Em Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$gaia-\(mitologia\)](https://www.infopedia.pt/$gaia-(mitologia)) [consultado a 19/06/2021].

Porfírio Pinto